

DEPOIS DO TRABALHO, O LAZER

Denise Bernuzzi de Sant'Anna*

CORBIN, Alain. *L'avènement des loisirs 1850-1960*. Paris, Aubier, 1995, 480 p.

Em *Mémoires d'un touriste*,¹ Stendhal provou que não era um turista comum. Ao ler a narrativa de sua viagem pelo interior da França, realizada em 1838, encontramos mais do que uma simples coleção de sensações estéticas, curiosas e insólitas. Homem de espírito, o turismo lhe foi um convite à reflexão sobre a natureza e a cultura, suas associações, mudanças e conflitos. Antes dele, é certo, o gosto pelas viagens pitorescas e exóticas já havia levado inúmeros escritores para o Oriente e aos diferentes países da Europa. Desde o século XVII, os ingleses chamavam de *tour* a viagem de um jovem aristocrata acompanhado de seu preceptor. Alguns médicos ingleses chegavam a considerá-las um remédio eficaz no combate do *spleen* reinante nas grandes cidades. Não tardará muito para que, juntamente com as boas diligências e os barcos a vapor, os ingleses exportem para a França o termo *pitoresque* e que os *carnets de voyage* façam parte da identidade dos jovens burgueses.

Contudo, entre os privilegiados colecionadores de aventuras memoráveis do passado e os milhares de adeptos do lazer de final de semana, férias e feriados de nossos dias, muita coisa mudou. Mudaram os turistas, o turismo e os não turistas. Mudaram as cidades, os espaços de trabalho e os sentidos e usos do tempo livre. Na verdade, existe uma história a ser feita sobre os diferentes lazeres, capaz de incluir as lutas dos trabalhadores para a sua aquisição, o crescimento das cidades, os apelos por maior produ-

* Professora do Departamento de História da PUC-SP.

1 Stendhal, *Mémoires d'un touriste*. Paris, La Découverte, 1993, 2 vols.

tividade dentro e fora dos espaços de trabalho, a voga dos *três S* — *Sun, Sea, Sex* — exposta assiduamente pela publicidade do pós-guerra, o desenvolvimento da indústria turística, dos movimentos ecológicos, etc. Pois, apesar das contribuições da sociologia do lazer dos anos 70, as lacunas na história dos usos do tempo livre não são pequenas. E elas se sucedem ao sabor das transformações da cidade em local cada vez menos acolhedor, do desenvolvimento da sociedade de consumo, da revalorização dos espaços verdes e de atividades esportivas que não possuem mais a utilidade pública de outrora. As austeras referências à Pátria e os eugênicos projetos de regeneração moral que, num passado recente, impregnavam inúmeras atividades de lazer realizadas em escolas e clubes de atletismo, parecem esmaecidos perante o colorido internacionalizado das roupas esportivas e das atividades nomeadas “californianas” (surf, asa delta...) ou de “risco extremo” (*base jump, raid-nature, raftings...*). Lazereres que buscam aproximar o controle das emoções com a liberação de adrenalina, a tecnologia da ecologia, a precisão dos gestos da evasão dos sentidos.

Alguns pesquisadores não se contentaram em perceber na proliferação dos novos lazeres apenas o fim das ideologias e de uma ética do dever. Resolveram historicizá-las. O historiador francês Alain Corbin foi um deles. Em 1995, ele publica, em Paris, *L'avènement des loisirs 1850-1960*, escrito juntamente com nove colaboradores. Em um único volume, esta obra integra a voga das publicações coletivas monumentais, hoje presente em diversos países. Mas um dos méritos de *L'avènement des loisirs*, ainda não publicado no Brasil, está em escapar de dois riscos que esta moda suscita: a ausência de coerência no conjunto dos textos reunidos e a limitação das análises a aspectos gerais, pouco instrutivos sobre as singularidades de cada cultura. Isto porque Corbin não se restringe ao esforço de reunir historiadores especialistas nas práticas de lazer. Ele reúne aqueles cujos trabalhos convergem em pelo menos dois aspectos: 1) não se trata, apenas, de detectar os significados do lazer na história, mas, sim, suas condições de possibilidade, sua genealogia, a partir da qual as revoluções da percepção humana ocupam o centro das atenções; 2) lazeres contemporâneos são investigados à luz de suas relações com hábitos de distração do passado e com a emergência de uma economia do desejo que exprime, claramente, os paradoxos do mundo do trabalho e de seus apelos à produtividade e ao consumo de massa. Além disso, uma diversificada bibliografia e, sobretudo, um rico arsenal de fontes sustentam o conjunto da obra.

Estas convergências concedem ao livro uma clareza e uma densidade de informações que empolgam muitos leitores dentro e fora dos espaços acadêmicos. No decorrer

da agradável leitura, ficamos sabendo como, no decorrer do século XIX, o fascínio pelo tempo cronometrado do mundo industrial torna suspeita a gratuidade de muitas brincadeiras, por vezes consideradas mais “venenosas” do que o álcool. Reformadores protestantes, humanistas e filantropos condenavam as “más leituras”, os “filmes escandalosos” e as “danças impuras”. Doravante, trabalho e lazer tendem a formar um único sistema.

A sociedade britânica foi, nesse sentido, pioneira. O texto de Roy Porter mostra os ingleses elaborando as primeiras soluções industriais aos problemas do binômio tempo livre/tempo de trabalho para a época contemporânea. Mais tarde, na França do *Front Populaire*, bem como na Exposição Universal de 1937, as propostas de recreação vão associar diversão à necessidade de “retornar à natureza”, recuperação do corpo e educação da alma. Com Richez e Strauss, encontramos a organização de campanhas e clubes de lazer sob a égide do nazismo e do facismo. Muitos programas da *Kraft durch Freude* (Força pela alegria), por exemplo, dispendo de uma rede de cento e vinte cinco mil colaboradores benévolos, incentivavam as viagens turísticas capazes de promover o conhecimento das grandezas nacionais. Mas a dimensão patriótica dos programas de lazer estava longe de ser exclusividade dos nazistas e fascistas. Os autores a detectam em jornais e discursos da CGT na França.

A paulatina transformação do ócio num desvio e do lazer numa regra é historicizada juntamente com desenvolvimento das ferrovias e de novos sentidos atribuídos ao binômio velocidade-lentidão. O que inclui o estudo da distribuição dos tempos sociais, a sutilidade de suas hierarquias, as transformações da sensibilidade e da percepção humanas em relação às novas exigências de “aceleração”. Essa atenção às sensibilidades é, sem dúvida, bastante familiar a Corbin pois, desde os anos 80, ele vem lançando as bases para uma antropologia sensorial sobre a historicidade do olfato, da visão e da audição no Ocidente. Ela expressa uma erudição polimorfa, que não se limita às preciosidades dos antigos salões ou à voracidade pelas novidades no mercado editorial de nossos dias.

Em meio à complexidade de ritmos e de experiências de repouso e diversão, *L'avènement des loisirs* também analisa o desenrolar de práticas de distração obscuras em meio à cinética espetacular das diversões urbanas noturnas e à intensificação do turismo de massa. Atividades, por vezes consideradas prosaicas ou excessivamente humildes, como a jardinagem e a pesca, são reveladoras do “balbuciar” de um “tempo para si”, que, ora escapa à ditadura do relógio, ora compensa seus efeitos. Com Vigarello, “o

tempo do esporte” transforma-se num novo continente a explorar, sobre o qual encontramos os antigos nadadores ingleses da National Swimming Society, os corredores franceses no Jardim das Tuileries, e mesmo os esportistas contemporâneos, munidos de roupas e objetos inteligentes, para quem a valorização dominante da informação é transformada em modelo ideal de corpo e promessa de performance record. André Rauch demonstra, ainda, o quanto a civilização mecanicista é contestada pela voga naturista apoiada pelos textos de Hébert, Carton e Rouhet.

Progressivamente, o modelo de lazer cultivado, herdado do antigo *otium cum dignitate*, se confronta com a proliferação de novos lazeres: Spa é o nome da primeira cidade que imitou Bath, centro britânico do século XVIII, que inventa a estação termal moderna. No final do Segundo Império francês, as cidades termais do Vichy, Vittel, Eaux-Bonnes são freqüentemente disputadas entre os turistas que buscam aliar conforto, saúde e lazer. Com a moda das estações de verão e de inverno, a associação entre medicina e turismo caminha a passos largos. E com a proliferação dos guias turísticos, a difusão do instantâneo fotográfico se confirma. Os manuais de viagem, que se espalham pela Europa durante a primeira metade do século XIX, diversificam os itinerários, classificam as “curiosidades”, criam uma propedêutica do olhar. O “*prêt-à-regarder*” transforma a viagem numa sucessão de visitas, confirmada pelos meios de comunicação de massa em expansão e difundida globalmente com a moda dos cartões postais, dos álbuns e revistas de viagem.

Novos heróis esportivos não tardam a fazer o sucesso de revistas como *L'Auto*, *Véloce Sport* e, em breve, a publicidade não poupará esforços para difundir a idéia de que qualquer um pode ser um campeão, em qualquer lugar e a qualquer hora. Heroísmo de massa: quantas vezes não vimos filmes em que um pacato funcionário público, uma simples dona de casa, uma criança ou até mesmo um cachorro tornam-se, do dia para noite, heróis nacionais?

Numa época em que se conjugam esforços para evitar o fim do trabalho, os estudos sobre a história do tempo livre começam a florescer. Alguns deles, como o de Corbin, são bem oportunos nestes tempos atravessados pela globalização do apelo ao entretenimento, que pretende retirar de toda atividade, mais prazer, mais aventura e mais emoção. Apelo este completamente associado à persistente aversão perante a inatividade, tão ameaçadora aos sem-emprego e aos empregados de nossos dias.